

APRESENTAÇÃO

A presente publicação tem por tema as “divisões digitais” e propõe-se dar uma resposta – modesta, ainda assim, e talvez já um tanto tardia – a uma necessidade premente do meio académico e científico nacional das ciências sociais e comunicacionais, bem como, mais exactamente, suprir também uma lacuna editorial importante destas mesmas áreas de estudo.

Referimo-nos à necessidade de uma melhor sistematização de conhecimentos e a lacunas importantes no que respeita a uma normal divulgação pública dos mesmos; tudo isto tendo como referência uma das problemáticas de discussão mais densas dos estudos sociais das últimas décadas, cujo grande *leitmotiv* se relaciona com uma questão de desigualdades sociais no acesso às chamadas novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC). Problema que muito rapidamente, porém, se pluralizou em diferentes e relevantes sentidos. Desde logo, numa percepção da maior amplitude (e complexidade) das desigualdades em questão, envolvendo dimensões que não se limitam a um carácter social de sentido genérico: as diferenças, disparidades, desigualdades, assimetrias que se encontram associadas às tecnologias nas vertentes da economia, da política, da cultura, do território e outras (também a nível social, claro, mas que agora tendem a ser apreendidas segundo sentidos bem específicos – critérios etários, de género, étnicos, etc.). Mas a pluralização do conceito ocorreu, também, no que se refere aos planos de envolvimento, por assim dizer, das referidas tecnologias, passando a contemplar-se bastante mais do que a mera acessibilidade técnica dos dispositivos: as questões relacionadas, por exemplo, com a utilização/usos dos chamados novos media, ou com as competências/aprendizagens necessárias à sua operacionalização.

Foi deste modo que uma discussão que começou por ganhar forma, essencialmente, no quadro dos estudos comunicacionais, logo se projectou a uma escala mais ampla para outros domínios das ciências sociais – à ciência política, à economia política, à sociologia da cultura, à antropologia da técnica, por exemplo (só para citarmos os casos mais relevantes e sem pretensões de exaustividade). Este importante alargamento de horizontes da pesquisa científica sobre estas matérias confere um sentido forte, e muito preciso, à pluralização registada pelo conceito – e à qual o título da presente publicação se propõe fazer justiça: *Digital Divides*.

Entre as necessidades a que esta publicação pretende dar uma resposta conta-se também a de conferir visibilidade a um trabalho já com algum significado por parte da comunidade académica e científica nacional neste domínio de estudos. Cada vez mais no contexto de um diálogo muito próximo com o que se está a realizar a nível internacional nos domínios da ciência e da tecnologia, conjugado com uma preocupação mais específica de conhecimento da realidade nacional e perspectivando, inclusive, formas de intervenção relevantes a este mesmo nível, podemos assim afirmar que o tema das “divisões digitais” já desde há algum tempo a esta parte se encontra perfeitamente inscrito na agenda dos grandes debates académicos e da pesquisa científica que se realizam no nosso país.

A lacuna em termos de publicação de resultados a que este trabalho também pretende dar uma resposta tornava, à partida, algo mais fácil a sua organização – muitos materiais

já se encontravam disponíveis, ou em estado bastante avançado de acabamento; embora num outro sentido tenha acabado por a dificultar – a indispensável selecção deixou de fora vários materiais académicos e científicos relevantes, produzidos por investigadores nacionais, relacionados com as NTIC. Temos a convicção que este número da Media & Jornalismo apresenta de forma bastante sugestiva algum do melhor trabalho realizado entre nós, nos tempos mais recentes, neste domínio de estudos, mas de forma alguma pretendemos considerá-lo a título de “representatividade”; ou apenas o será como uma forma de incentivo para que outras publicações se lhe sigam e, assim, outros investigadores que têm dedicado muito do seu interesse, energias e tempo a estas matérias possam ver justamente reconhecido em termos públicos os resultados desse seu esforço.

As palavras finais são de agradecimento, necessariamente, para todos os autores que ajudaram à realização desta publicação – de forma absolutamente desinteressada, como continua a ser habitual estas coisas fazerem-se em Portugal. “Desinteresse” que não se aplica, obviamente, ao enorme entusiasmo demonstrado pela pesquisa científica, nem, muito especialmente, ao extraordinário cuidado e rigor que todos emprestaram às suas colaborações. Sublinhamos de forma muito especial esta nossa gratidão para com os dois autores estrangeiros aqui representados com artigos originais – Peter Dahlgren e Lincoln Dahlberg; pela generosidade com que aceitaram partilhar com todos nós este projecto de publicação e, mais genericamente (mas também de forma mais substancial), pela importância que os respectivos trabalhos científicos sobre os chamados novos media representam para a investigação, de um modo geral, que neste domínio de estudo se tem vindo a realizar em Portugal.

E por fim, mas não em último lugar, o agradecimento que aqui desejo também deixar expresso ao Centro de Investigação Media & Jornalismo, por ter acolhido este projecto no âmbito da sua Revista – ideia que o seu director, o Professor Nelson Traquina, desde a primeira hora abraçou com entusiasmo e cujo acompanhamento cuidadoso muito deve à Professora Carla Baptista.

Agora, a próxima palavra cabe aos leitores.

Para estes, desde já, também o meu agradecimento – em nome de todos os autores.

Lisboa, Fevereiro de 2011

João Pissarra Esteves